

Cultura e política: perspectivas de Ghassan Kanafani sobre a formação e organização da literatura sionista

Carolina Ferreira de Figueiredo

Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brasil

Recebido em: 29 jul. 2024

Aprovado em: 01 jul. 2025

Publicado em: 30 abr. 2026

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir a obra produzida por Ghassan Kanafani, *On Zionist Literature*, publicada em 1967. Kanafani foi intelectual palestino importante para a interpretação do processo histórico contemporâneo da Palestina, com a criação do Estado de Israel, em 1948. Como escritor e crítico literário, suas obras narram as experiências palestinas, e sobretudo, contribuem para a formulação do universo de resistência e luta palestina contra a ocupação. O livro *On Zionist Literature*, estudo de Kanafani, trata da organização da literatura sionista em uma perspectiva histórica, trazendo aspectos narrativos em foco, bem como as relações entre a cultura e o político na criação e desenvolvimento do sionismo nos séculos XIX e XX. Neste estudo, buscamos aprofundar as argumentações de Kanafani em torno da construção do sionismo literário, bem como perspectivar as formas de análise e teorias mobilizadas pelo autor palestino, sobretudo a partir das dimensões do colonialismo e racismo.

Palavras-chave: Ghassan Kanafani. Sionismo. Literatura. Palestina. Colonialismo.

* Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Departamento de História. Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; graduado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: carolina.f.figueiredo@ufes.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-1054-9924>

 <http://lattes.cnpq.br/8232598263921215>

Culture and politics: Ghassan Kanafani's perspectives on the formation and organization of Zionist literature

Carolina Ferreira de Figueiredo

Federal University of Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo, Brazil

Received: 29th July 2024

Approved: 01st July 2025

Published: 30th Apr. 2026

Abstract

This article aims to present and discuss the work produced by Ghassan Kanafani, *On Zionist Literature*, published in 1967. Kanafani was an important Palestinian intellectual for the interpretation of the contemporary historical process in Palestine, with the creation of the State of Israel in 1948. As a writer and literary critic, his works narrate Palestinian experiences, and above all, contribute to the formulation of the universe of Palestinian resistance and struggle against the occupation. The book *On Zionist Literature*, a study by Kanafani, deals with the organization of Zionist literature in a historical perspective, bringing narrative aspects into focus, as well as the relationships between culture and politics in the creation and development of Zionism. In this study, we seek to deepen Kanafani's arguments around the construction of literary Zionism, as well as to put into perspective the forms of analysis and theories mobilized by the Palestinian author, especially from the dimensions of colonialism and racism.

Keywords: Ghassan Kanafani. Zionism. Literature. Palestine. Colonialism.

* Adjunct Professor at the Federal University of Espírito Santo, Center for Human and Natural Sciences, Department of History. PhD in Social History from the Federal University of Rio de Janeiro; MA in History from the Federal University of Rio Grande do Sul; BA in History from the State University of Santa Catarina. Email: carolina.f.figueiredo@ufes.br.

 <https://orcid.org/0000-0002-1054-9924>

 <http://lattes.cnpq.br/8232598263921215>

Introdução

O presente artigo tem por proposta analisar o estudo do escritor e crítico literário Ghassan Kanafani (1936-1972), publicado em 1967, intitulado *Fi al-adab al-sahyuni*, traduzido como *On Zionist Literature*, ou *Sobre a Literatura Sionista*. Neste livro, Kanafani busca demonstrar como se deu a formação da literatura sionista, ainda no século XIX, e seu desenvolvimento para a criação de Israel em 1948 e no período após a consolidação do Estado, dissertando sobre os elementos literários constitutivos desses escritos. Compreendemos que esta é uma publicação relevante de Kanafani, uma vez que traça elementos fundamentais de um cenário literário, e que serão objeto de discussão das páginas a seguir, sobretudo a partir das reflexões do autor em torno da relação entre o que chamou de sionismo literário e sionismo político, bem como sentidos atribuídos ao imperialismo e racismo.

Parte-se da observação de que Kanafani se aprofundou nos estudos de literatura, desde os anos 1960 até a sua morte em 1972, de modo a refletir sobre a formação literária palestina, considerando a centralidade da chamada “Questão da Palestina” pelo menos desde 1948. Nesse contexto, o autor, como crítico à realidade da Palestina, também se debruçou ao estudo do Sionismo, em sua ênfase literária. Assim, o objetivo deste artigo é analisar a exposição desenvolvida por Kanafani em *On Zionist Literature*, tendo em vista sua percepção histórica e análise crítica de seu tempo presente. Para isso, buscamos abordar dois aspectos fundamentais: o primeiro deles diz respeito ao próprio cenário intelectual de desenvolvimento da escrita de Kanafani, que abordaremos em seguida, bem como destacar pontos centrais da argumentação do autor palestino na obra em destaque. Partindo disto, faremos diálogos com outros autores, contemporâneos ao autor ou mais recente, de modo a aprofundar temas no livro. Nesta seara, na última seção do artigo, buscamos refletir sobre as escritas de Kanafani e Said, dois autores palestinos que abordam a literatura e que em suas trajetórias, tiveram olhar crítico ao sionismo e ao destino histórico de palestinos/as.

Ghassan Kanafani foi importante escritor e pensador, até hoje uma grande referência para os/as palestinos/as, e formulador da noção de *adab al-muqawama*, literatura de resistência, para falar da produção literária palestina. Para o autor, a literatura de resistência desenvolveu-se como uma linguagem própria para os/as escritores/as palestinos/as, que passaram a utilizar novas formas literárias para tratar do problema da Palestina: a perda territorial e a destruição de seu tecido social, de maneira mais efetiva em 1948, e seus desdobramentos até o tempo da escrita de Kanafani, no fim da década de 1960. Kanafani compreendia a relevância da literatura para a transformação da sociedade, e para sobrevivência coletiva dos/as palestinos/as frente ao apagamento físico e simbólico. Para Elizabeth M. Holt (2021, p. 5), o autor se aprofundou na ficção, na crítica literária e no processo editorial de revistas, entendendo-os enquanto componentes centrais da resistência palestina. É nesse universo amplo de formulação de luta por libertação que compreendemos o escopo de sua produção, que abarca ficções celebradas, como *Homens ao sol*, publicada em 1963, dentre outras. Sobre esta obra, Mariana Gennari (2016, p. 81) compreende que “ao mesmo

tempo que o seu conteúdo é o exílio e seu autor um exilado, o romance pertence a um movimento cultural que estava transformando lamentos e tristezas em esperança, coragem e força. Com isso, a aceitação do exílio deveria se transformar em formas de resistência”.

Neste momento, trataremos de sua produção voltada para a crítica literária, especificamente a publicação de *Sobre a Literatura Sionista*, mas pensada conjuntamente com outras produções suas, como *Adab al-muqawama fi Filastin al-muhtalla (Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966* ou *Literatura de Resistência na Palestina Ocupada 1948-1966*), de 1966, e *Al-adab al-filastini al-muqawim taht al-ihlil (Palestinian Resistance Literature under the Occupation 1948-1968*, ou *Literatura de Resistência palestina sob a Ocupação 1948-1968*), publicada em 1968 (Holt, 2021). Como uma primeira observação, é interessante notar que Kanafani buscou, dentro da linguagem literária e do campo da cultura, analisar o processo histórico de maneira dialética: o fundamento da literatura sionista, pilar importante para a legitimação de Israel, como será discutido, e o desenvolvimento da reação e da luta contra a realidade imposta, aquilo que dá caráter direto ao sentido da resistência – e da sua expressão literária.

Em sua publicação de 1966, *Literatura de Resistência na Palestina Ocupada 1948-1966*, Kanafani argumenta que a tomada do território pelos sionistas em 1948 foi determinante para uma ruptura de grande proporção, resultando na deterioração de cidades e centros importantes de produção e difusão cultural. A literatura palestina, portanto, que fazia parte de uma circulação mais ampla da literatura árabe, foi duramente atingida, com muitos escritores destinados ao exílio: “a espinha dorsal da literatura árabe na Palestina ocupada desapareceu com a emigração de toda uma geração de escritores e homens de cultura” (Kanafani, 2009, p. 3)¹. E continua, ao falar do cenário crítico pós-1948: “os não-emigrantes constituíam uma sociedade majoritariamente rural e sujeita a perseguições políticas, sociais e culturais sem igual em qualquer outro lugar do mundo” (Kanafani, 2009, p. 3)². Dessa maneira, percebe-se um certo hiato de produção dada às condições de existência dos/as palestinos/as neste cenário.

Depois de 1948, portanto, a literatura palestina se desenvolveu de formas diferentes, como a partir de um novo movimento literário, que Kanafani chama de literatura de exílio, ou seja, produzida sob a condição de afastamento de sujeitos do território palestino. O autor destaca a importância da poesia, sobretudo a poesia nacional, como um marco importante deste movimento, que “rejeitou as antigas explosões sentimentais e emergiu com um sentimento único de profunda tristeza mais compatível à realidade da situação” (Kanafani,

1 Tradução nossa. No original: “the backbone of Arab literature in Occupied Palestine had disappeared with the emigration of a whole generation of writers and men of culture”.

2 Tradução nossa. No original: “the non-emigrants constituted a society which was mostly rural and was subjected to Political, social and cultural persecution unmatched anywhere else in the world”.

2009, p. 4).³ O autor palestino ainda aborda como se desenvolveu uma literatura de resistência dentro da Palestina, diferente da literatura do exílio, a despeito da perseguição nos territórios, isolamento e fortes restrições, que impediam a criação e desenvolvimento de núcleos literários. Aqui, a poesia também teve um papel central, mas particular neste contexto de opressão, uma vez que esta circulava pela oralidade, podendo viver sem publicação (Kanafani, 2009, p. 4), tornando-se assim um núcleo potente para manifestação de resistência e popular.

É necessário também falar sobre o contexto destas publicações, a qual *Sobre a Literatura Sionista* está inserida. O livro foi publicado pouco antes da chamada Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, que representou uma nova ruptura no território palestino. A criação do Estado de Israel, em 1948, marca a Nakba – a “catástrofe”, um processo de caráter violento da consolidação de Israel, que ainda em 1947 iniciou a primeira fase do plano de conquista do território, com milícias armadas, resultando na limpeza étnica e expulsão de cerca de 300.000 palestinos/as (Khalidi, 2020, p. 74). Com a criação de Israel, em maio de 1948, iniciou-se uma segunda fase, marcada por confronto com os exércitos dos países árabes, também conhecida como a Primeira Guerra Árabe-Israelense, e com aproximadamente mais 400.000 habitantes expulsos da Palestina.⁴

O processo de “transferência”, isto é, eliminação,⁵ já em curso, foi imposto neste período, resultando nos milhares de refugiados, alguns internos ao território de Israel/Palestina, e outros que seguiram para regiões próximas, como Líbano e Jordânia, afora os que perderam suas vidas em ataques. Portanto, entende-se que em 1967 houve um aprofundamento da Nakba. A Guerra dos Seis Dias envolveu Israel e os exércitos do Egito, Síria e Jordânia, em razão da crítica situação do período anterior, e acirrada por disputa israelense pelo controle da água da região (Barnett, 1998). A partir de uma rápida derrota dos países árabes, houve um reordenamento territorial. Ainda que a anexação de território já fosse uma realidade em período anterior, como destaca Tareq Baconi (2018, p. 14), a partir de 1967, Israel passou a dominar toda a chamada “Palestina Histórica”, controlando o restante dos 22% do território, já que, na criação do Estado em 1948, Israel apropriou 78% das fronteiras palestinas. Seguindo com Baconi, Jerusalém Oriental foi formalmente anexada (ainda que sem reconhecimento internacional), enquanto os territórios palestinos de Cisjordânia e Gaza, assim como as Colinas de Golã, na Síria, e a Península do Sinai, no Egito, foram colocadas sob domínio militar israelense. Assim, para a Palestina, a vitória militar de Israel significou um novo processo de controle, com expulsão e ocupação nas regiões de Cisjordânia e Gaza, que concentravam

3 Tradução nossa. No original: “Rejected the old sentimental outbursts and 'emerged with a unique feeling of profound sadness more commensurate with the realities of the situation”.

4 Para se aprofundar em um contexto anterior à 1948, fundamental para compreender este processo, ver o livro de Khalidi (2020).

5 “Transferência”, compreendida, a partir do estudo de Masalha (1992), como um eufemismo do projeto sionista para o processo de expulsão de palestinos/as.

grande parte da população palestina que permanecera no território desde a Nakba.

Disto, podemos dimensionar as publicações de Kanafani de 1966 e 1968 em torno da literatura de resistência nos territórios ocupados da Palestina, bem como seu contexto de participação na luta pela libertação da Palestina de modo mais amplo. O escritor mesmo experienciou a Nakba, sendo expulso de sua cidade natal, Acre, com 12 anos. Ghassan e sua família foram exilados no Líbano, alterando suas condições de vida (Gennari, 2016, p. 10). Ainda que não seja possível esgotar sua biografia neste momento,⁶ cabe ressaltar a sua passagem na década de 1950 pela Universidade de Damasco, na Síria, onde estudou literatura árabe, ainda que não tenha recebido seu diploma por questões políticas. Kanafani também atuou como professor em um campo de refugiados em Damasco, a partir de uma escola da UNRWA, e em Kwait (Gennari, 2016, p. 10-11). Foi editor de várias revistas no cenário do Oriente Médio, como o diário *al-Muharrir* (*O libertador*), um periódico nasserista, e o semanal *al-Hurriya* (*Liberdade*), periódico que representava a ANM (*Arab Nationalist Movement*, ou *Movimento Árabe Nacionalista*), movimento Pan-arabista de caráter anti-imperialista.

Kanafani também ajudou a fundar a FPLP – Frente Popular pela Libertação da Palestina, uma organização marxista-leninista, e atuou como membro até seu assassinato em 1972. Sua aproximação com o marxismo é parte importante de seus escritos, e será possível visualizar algumas dessas questões na análise de *Sobre a Literatura Sionista*. Este livro em questão foi comissionado pelo Centro de Pesquisa da OLP – Organização pela Libertação da Palestina, outra importante organização no contexto de construção da resistência palestina. Ainda, *Sobre a Literatura Sionista* apresenta diálogos com reflexões anteriores de Kanafani, como aquelas presentes em sua palestra em 1965, realizada em Beirute, no Líbano, intitulada “Raça e Literatura Sionista” (Hawa, 2023, p. 89).

Características históricas da Literatura Sionista

O livro escrito por Ghassan Kanafani está dividido em oito capítulos, os quais traçam o desenvolvimento histórico da literatura sionista, e segundo Anis Sayeh, responsável pelo prefácio da edição de 1967, *Fi al-adab al-sahyuni* foi a primeira publicação em árabe a tratar do tema.

Nesta seção, o foco será destrinchar a argumentação de Kanafani acerca desse desenvolvimento histórico, de modo a compreender suas perspectivas e reflexões. Cabe ressaltar já neste momento que, Kanafani, ao longo de sua pesquisa, cita diversas obras produzidas por autores e autoras dentro do que define como parte integrante da literatura sionista. Estas obras serão mencionadas ao longo deste artigo na medida em que ajudam a

6 Elementos da trajetória de Kanafani serão abordados ao longo do artigo, contudo, sugerimos acessar trabalhos que tratam com mais profundidade a vida e obra do autor. Ver: Gennari (2016) e Zoghbi (2018).

compreender o pensamento de Kanafani, contudo, não se objetiva fazer uma análise destas obras. Ainda que um caminho pertinente, não haveria espaço aqui para este desenvolvimento e, neste momento, o objetivo central é compreender a composição da reflexão e argumentação da obra produzida por Ghassan Kanafani.

Já na parte introdutória de *Sobre a Literatura Sionista*, Kanafani apresenta seu argumento de partida: o autor compreende que a literatura sionista precede o sionismo político, movimento localizado para o final do século XIX, com marco fundacional oficial no Congresso da Basileia (ou o Primeiro Congresso Sionista), em 1897. Parte da argumentação em seu livro está fundamentada na compreensão da qual a literatura sionista teve um papel importante na formação do sionismo político e vai atuar depois da criação de Israel. Aqui, já observamos um ponto particular na análise do autor palestino: ele aponta uma cronologia distinta para o sionismo, não rejeitando a importância do “marco” de criação em 1897, mas buscando, ainda anteriormente, suas raízes históricas, ou seja, transformações conjunturais quando ainda não se visualizava, evidentemente, o surgimento de um movimento político coeso.⁷ Ademais, Kanafani entrelaça cultura e política para falar do desenvolvimento da literatura, o que parece ser um aspecto integrador bastante oportuno para a análise de um fenômeno histórico e particularmente importante para os caminhos teórico-metodológicos do autor.

Assim, como informa Kaleem Hawa (2023, p. 84), em estudo recente sobre esta obra de Kanfani, o livro compreende um *corpus* documental da literatura sionista que vai desde meados do século XIX até 1960. Este conjunto de publicações abarca produções diversas, e que são entendidas como parte do conjunto da literatura sionista por tratarem de maneira positiva a colonização na Palestina. A definição, nas palavras do autor: “a literatura sionista neste estudo refere-se a tudo o que foi escrito para servir o movimento pela colonização judaica da Palestina, seja diretamente ou de outra forma. Como tal, o termo refere-se ao trabalho de simpatizantes sionistas, sejam eles judeus ou não judeus” (Kanafani, 2022, p. 1).⁸ Incluem-se, portanto, autores não judeus e que utilizaram outras línguas, como é o caso da literatura inglesa, abordada por Kanafani, ainda que, como discutiremos, o hebraico teve uma importância ímpar para o desenvolvimento da literatura sionista.

Nota-se aqui um elemento relevante do desenvolvido por Kanafani, isto é, a separação entre sionismo e judaísmo, de modo a compreender o movimento sionista em amplo aspecto, ao mesmo tempo afastando-o de uma leitura religiosa, e associando o movimento a um

7 Max L. Chapnick, em publicação recente (2023), desenvolve a relação do sionismo literário com o romantismo inglês anterior ao século XIX. O autor defende que bases do romantismo, como a noção de “futuro providencial”, contribuíram para o imaginário do sionismo.

8 Tradução nossa. No original: “*Zionist literature in this study refers to all that has been written to serve the movement for the Jewish colonization of Palestine either directly or otherwise. As such, the term refers to the work of Zionist sympathizers, be they Jewish or non-Jewish*”.

contexto histórico europeu particular. Assim, pode-se afirmar que o sionismo não foi um movimento natural e inevitável da história europeia ou das populações judaicas, ou como uma resposta incontornável e única ao antissemitismo, mas foi gerado através de uma conjuntura específica. Visualizamos nesta noção uma elaboração materialista da história do sionismo, justamente porque compreende que certas condições possibilitaram a organização do sionismo naquele cenário, e sua argumentação ocorre em torno do mapeamento político, social, econômico e cultural dessas estruturas, ainda que algumas questões presentes na argumentação do autor possam ser problematizadas.

A partir deste desenvolvimento teórico-metodológico, Kanafani aponta para duas questões históricas que fomentaram a defesa da criação de um lar etno-nacional para judeus: em primeiro lugar uma situação social, que ganhou contornos políticos a partir dos debates acerca da assimilação ou da diferenciação de judeus em seus respectivos países e localidades. É fundamental lembrar que, dentro do espaço europeu, historicamente, houve perseguição a comunidades judaicas, resultando na exclusão e segregação destes grupos. Há uma historiografia importante que discute estas realidades em um espaço temporal alargado, visando compreender as formas como se deu esta perseguição em período pré-modernos, situando, por exemplo, elementos religiosos, e as transformações ocorridas a partir dos séculos XVIII e XIX. Como desenvolve Zygmunt Bauman (1998), o termo “antisemitismo” ganhou significação no século XIX, e passou a designar as atitudes de hostilidade, violência e ressentimento a judeus. Associado a esses comportamentos, o fenômeno do antisemitismo adquiriu novos contornos, associado aos novos tempos, e o que Hannah Arendt (1989), em direção similar, entendeu como o antisemitismo moderno, relacionado a formação dos estados nacionais europeus, bem como a modernidade do racismo. Bauman também desenvolve essa dimensão, dissertando que “nas condições da modernidade, a segregação exigia um método moderno de traçar fronteiras” (Bauman, 1998, p. 81). Este cenário de desenvolvimento do antisemitismo teve desdobramentos diversos, entre eles, debates entre direitos políticos e cidadania, e relacionado a isso, discussões sobre a possível e desejada (ou não) integração aos seus países. Uma destas vertentes, como argumenta Kanafani, é o sionismo, que se utiliza de uma perspectiva de diferenciação. Embora, cabe notar, haja uma complexidade maior na compreensão deste movimento, para além do antisemitismo, para situar sua dinâmica de organização,⁹ como discutiremos.

O segundo ponto, e talvez mais singular na argumentação de Ghassan Kanafani, é a classe: para o autor é a classe alta – uma certa elite judaica que se formou ao longo do século XIX, que protagonizou este movimento de diferenciação sionista e que atuaram dentro de seus estados nacionais, uma vez que obtiveram força política para incentivar posturas anti-

9 Sobre estas dinâmicas, Hawa (2023, p. 85) adiciona que a insistência na separação esteve relacionada a uma ansiedade de ruptura entre comunidades judaicas na Europa e Ásia. Com a incorporação de judeus aos estados nacionais, e suas novas “funções”, poderiam enfraquecer o apoio à ideia de um lar judaico espiritual”.

assimilacionistas e, conjuntamente, em favor da colonização da Palestina. De fato, outros autores, como Bauman, também apresentam explicações que situam uma perspectiva de classe.¹⁰ Por exemplo, o autor analisa como, incorporando a noção de “classe móvel” de Anna Zuk, historicamente, a ocupação de judeus em funções públicas impopulares e ligadas ao ganho financeiro relegaram a essa população um lugar intermediário e alvo de classes inferiores e superiores, resultando em um ressentimento na época moderna. Assim, “dos dois lados, os judeus enredavam-se na luta de classes, fenômeno de forma alguma ligado à especificidade judaica [...] O que tornou realmente especial a posição dos judeus na guerra de classes foi que *se tornaram alvo de dois antagonismos mutuamente opostos e contraditórios*” (Bauman, 1998, p. 64. Grifos nossos).

Contudo, podemos dimensionar que Bauman e Kanafani não possuem a mesma problemática em foco. Enquanto Bauman analisa o processo histórico para compreender as condições que levaram ao antissemitismo moderno, Kanafani busca identificar como, diante deste cenário, isto é, das transformações sociais e econômicas da Europa, incluindo o fenômeno do antissemitismo, foi possível a elaboração do movimento sionista por um grupo em específico. Nesse sentido, não é sua característica identitária ou religiosa que encaminha o sionismo – ou exclusivamente o antissemitismo, mas uma própria posição social, de classe. Aqui, possivelmente, está o ponto central da análise da Kanafani, trazer profundidade à compreensão do antissemitismo, sionismo e colonialismo, não associando-os de maneira imediata, mas justamente buscando compreensão de seus possíveis enredamentos. Seguiremos com este segundo ponto para aprofundar na argumentação do autor.

Para Kanafani, os momentos de repressão e alívio [*reprieve, do inglês da edição utilizada*] para com as populações judaicas na Europa (Ocidental e Oriental)¹¹ funcionaram de maneira contraditória em relação ao sionismo: períodos de alívio e possível integração foram marcados por produções relevantes, mas também por movimentos que pautaram a necessidade de diferenciação. Ou seja, nessa perspectiva, não foi necessariamente os períodos de maior repressão (e expressão do antissemitismo) que levaram ao surgimento do sionismo. Para defender esta dinâmica repressão-alívio Kanafani dá uma série de exemplos, retornando

10 Esta dimensão é trazida já no século XIX, com a publicação de Marx de 1843. Neste livro, Marx trata da questão judaica a partir do tema da emancipação dos judeus na Alemanha, abordando elementos sobre o estado, direito político e cidadania, além de traçar críticas às visões correntes do período, como as de Bauer. É um estudo pertinente, contudo, é necessário problematizar questões em torno do seu pensamento, sobretudo o seu contexto de escrita e a aproximação do capitalismo ao judaísmo (Bensaïd, 2010).

11 O autor menciona estes dois termos, mas sem aprofundar ou distinguir processos. Também, é possível notar que o autor recorre mais aos processos de países como a Inglaterra.

inclusive a um tempo mais recuado,¹² mas segue com elementos visualizados no século XVIII e XIX. Por exemplo, o desenvolvimento social das comunidades judaicas ocorrido na Alemanha do setecentos, em razão de produção intelectual e religiosa, e que recebeu resistência ao traduzir a bíblia judaica para o alemão (Kanafani, 2022, p. 19), bem como a proclamação de direitos de cidadania aos judeus durante o processo revolucionário francês, em 1791 (*Ibidem*, p. 20).

Assim, foi parte de um grupo que ascendeu socialmente – e nesse sentido, o recorte de classe, ainda na primeira metade do século XIX, e que passou a integrar círculos políticos, que os sentidos anti-assimilacionistas foram desenvolvidos. Desta maneira, “quem mais ardentemente avançou a literatura do campo anti-integracionista foram os beneficiários dos ganhos históricos de *status* social e econômico experimentados pela burguesia judaica antes da virada do século [XX]” (Hawa, 2023, p. 86),¹³ a exemplo, citados por Kanafani, de figuras como Lionel Nathan de Rothschild (1808-1879), o primeiro britânico judeu membro do parlamento e Benjamin Disraeli (1804-1881), primeiro-ministro, em dois turnos, da Inglaterra.

A este debate, soma-se a uma nova dimensão colocada nesta posição por diferenciação: a questão da raça. O autor palestino localiza uma particularidade nesse movimento anti-integracionista sionista: o desenvolvimento de uma noção racial em torno do sujeito judeu e, conjuntamente, atribuições de sentidos de superioridade e inferioridade baseados na linguagem própria do “racismo científico” do século XIX e do sujeito branco. O racismo, desta forma, opera na contradição entre opressão e identidade, associado diretamente, nesse contexto, a uma perspectiva imperialista. Novamente, temos aqui uma rearticulação a uma compreensão histórica mais ampla. Veremos como estas noções de superioridade atuam na literatura sionista e na ratificação do projeto colonial no próximo tópico.

Portanto, para Kanafani (2022, p. 20), “em vez de nutrir o impulso para a integração social, o poder representado por uma classe de judeus com privilégios econômicos e financeiros especiais foi, em grande medida, usado para exercer pressão na

12 Kanafani faz referência às questões históricas que datam desde o século XII, tratando, por exemplo, da região de Al-Andalus e o desenvolvimento de escritos de autoria judaica. É importante registrar este procedimento de escrita do autor, já que busca uma temporalidade mais alargada. Por uma perspectiva teórica, considera-se cautelar esta cronologia, compreendendo as significativas – e singulares transformações do mundo europeu nos séculos XVIII e XIX. Nesse sentido, optou-se por focalizar na abordagem que Kanafani dá aos processos históricos neste período.

13 Tradução nossa. No original: “*who most ardently advanced the literature of the anti-integrationist camp were the beneficiaries of historic gains in social and economic status experienced by the Jewish bourgeoisie before the turn of the century*”.

direção oposta”.¹⁴ Por sua vez, estas questões políticas impactaram no reordenamento da própria religião, como um ponto crítico nesse processo histórico: “dividiu as autoridades espirituais e civis nas comunidades judaicas numa ordem religiosa e outra composta por uma classe socioeconomicamente privilegiada, que promoveu uma posição supremacista judaica – muitas vezes utilizando-se da religião” (Kanafani, 2022, p. 20).¹⁵ Esses imbricamentos tiveram impacto na própria formulação linguística do hebraico, e seu reavivamento no século XIX, uma vez que foi utilizada para o desenvolvimento de uma literatura burguesa e, também, como parte da literatura sionista, e aqui, é possível visualizar como a argumentação de Kanafani procura atar o processo histórico ao desenvolvimento cultural do sionismo.

A língua empregada para os escritos literários sionistas, inclusive, está no centro da problematização do autor palestino. Para Kanafani (2022, p. 8), a utilização do hebraico pode ser perspectivada a partir de uma língua “reabilitada”, que se transformou de uma comunicação religiosa para uma linguagem nacional. Como uma língua associada diretamente à religião, historicamente falando, Kanafani demonstra que a utilização do hebraico ocorria majoritariamente em textos religiosos, sendo que textos intelectuais eram desenvolvidos nas línguas nacionais das comunidades aos quais os sujeitos estavam inseridos (2022, p. 10). Seguindo o argumento do autor, se há o entendimento de um certo reavivamento do hebraico no século XIX, caminhos diferentes foram desenvolvidos a partir desta realidade. Um movimento pode ser localizado na primeira metade do século XIX, chamado *Haskalah*, ou o *Iluminismo judaico*, contribuindo para revigoramento da literatura em hebraico na Polônia e Rússia (Kanafani, 2022, p. 21). Inclusive, para o autor, este movimento teve seu desenvolvimento em um tempo de alívio, de maior liberdade.

Diferente deste cenário, outra organização, o movimento sionista, se constituiu em oposição aos assimilacionistas, que incluíam parte do *Haskalah*, iniciando um processo de associação do hebraico a uma linguagem nacional, ou seja, criando vínculos de retórica nacionalista em uma mítica que combinava sentidos religiosos e a fundação de novas perspectivas sobre o “sujeito judeu”; e nesse aspecto, em uma nova relação com a denominação de pátria, associando-a a um território nacional – a Palestina, e a refundação de uma identidade, aquilo que o intelectual sionista Ahad Ha'am (1856-1927) sintetizou ao falar “o último judeu e o primeiro hebreu” (Kanafani, 2022, p. 8). Como bem desenvolve Hawa (2023, p. 86) sobre o movimento sionista neste contexto:

14 Tradução nossa. No original: “instead of nurturing the drive for social integration, the power represented by a class of Jews with special economic and financial privileges was, to a large extent, used to exert pressure in the opposite direction”.

15 Tradução nossa. No original: “it split the spiritual and civil authorities in the Jewish communities into a religious order and another made up of a socio-economically privileged class, which advanced a Jewish supremacist position – often on religious grounds”.

O resultado foi o desenvolvimento incremental de uma ideologia chauvinista que procurava combater tendências alternativas dentro dos sistemas políticos judaicos, entre elas o assimilacionismo “Haskalah”, o bundismo trabalhista, o comunismo secular, o iídishismo e seu diásporismo de princípios (doikayt em iídiche) que estavam mais inclinados a acreditar na causa do fortalecimento das comunidades judaicas onde viviam. A literatura sionista encontraria seus primeiros bodes expiatórios nesses judeus “integracionistas” [...] [eles viam] neles a forma não evoluída, ainda não se beneficiando da libertação heroica.¹⁶

Assim, é possível visualizar uma complexidade e diversidade do desenvolvimento intelectual judaico e, em específico, o desenvolvimento do sionismo – e da literatura sionista, em um imbricamento com os próprios termos nacionais, coloniais e raciais. Este último termo é enfatizado por Kanafani na medida em que a consolidação da literatura sionista prescindiu da construção de um novo sujeito, que se apresenta enquanto uma novidade justamente por ser elaborado enquanto um ser superior e mais evoluído que outros grupos. Se por um lado, podemos compreender que alguns desses momentos são desenvolvidos mais superficialmente pelo autor, ou de maneira vaga, por exemplo, ao traçar o continente europeu de maneira mais homogênea, ou mesmo ao não detalhar as dinâmicas políticas de ascensão e desenvolvimento dessa classe alta; por outro lado, Kanafani é preciso ao dimensionar esses sujeitos como fruto de um pensamento histórico da época, sobretudo em sua ênfase às construções de raça e do racismo.

A construção de um sentido de superioridade etno-nacional ocorreu, segundo Ghassan Kanafani, a partir das narrativas literárias que modificam seus personagens e cenários, sobretudo em suas funções simbólicas. A figura do *wandering jew*, o judeu errante, presente nas narrativas cristãs como uma figura mítica, é transformada neste contexto: de uma dimensão da perseguição religiosa para um aventureiro, ou um “herói judeu”.¹⁷ É o caso, destacado por Kanafani, do livro de Benjamin Disraeli (1804-1881), de 1833, intitulado *The Wondrous Tale of Alroy* [*O Maravilhoso Conto de Alroy*], uma ficção que conta a história de David

16 Tradução nossa. No original: “*The result was the incremental development of a chauvinist ideology which sought to combat alternative tendencies within Jewish politics, among them ‘Haskalah’ assimilationism, Labor Bundism, secular Communism, Yiddishism and its principled diasporism (doikayt in Yiddish) that were more inclined to believe in the cause of strengthening Jewish communities where they lived. Zionist literature would find its early scapegoats in these ‘integrationist’ Jews [...] [they saw] in them the unevolved form, not yet benefitting from the heroic liberation*”.

17 Kanafani dedica algumas páginas para falar das características e transformações da figura do *wandering jew*. Outra figuração tratada pelo autor é a do tipo *shylockian*, em referência ao personagem judeu na peça teatral de Shakespeare, o Mercador de Veneza, de 1598.

Alroy,¹⁸ construindo o personagem, através de suas aventuras, por uma perspectiva idealizada. Para Kanafani, uma obra que, ao tratar da construção do sujeito ideal, emprega ideias racistas de superioridade, e notadamente, escrito algumas décadas antes da fundação do que chamou de sionismo político. Da mesma forma localizou em Daniel Deronda, obra de George Eliot (1819-1880), publicada em 1876, uma formulação total do herói judeu-sionista, integrando a literatura inglesa do período enquanto contribuinte para o aumento de publicações pró-sionistas (Kanafani, 2022, p. 36). Desta forma,

O judeu errante empreendeu a mesma jornada dos heróis de *The Wondrous Tale of Alroy* e *Daniel Deronda*, transformando a questão da etnia e da religião em uma questão de raça sob a égide de um mito de superioridade. O caráter do judeu errante deriva de origens religiosas antigas (Kanafani, 2022, p. 45).¹⁹

Elementos que ainda são aprofundados em outras obras, como a produção literária de Theodor Herzl (1860-1904) – conhecido como fundador do sionismo político, intitulada *The Old New Land [A Velha Nova Terra]*, de 1902, “que retrata o estabelecimento de um projeto colonial sionista como meio de restauração política nacional” (Hawa, 2023, p. 87).²⁰ Nesse âmbito, características religiosas e étnicas se tornaram base para uma superioridade, com sentidos espirituais e raciais associados ao “caráter nacional”, uma retórica bastante presente na construção dos nacionalismos do século XIX (Hobsbawm, 1990). É nesse aspecto que podemos correlacionar com as experiências de outras regiões e povos no contexto europeu, naquilo que Eric Hobsbawm e Terrence Ranger (2008) entenderam como “invenção de tradições”, ou como Benedict Anderson (2008) cunhou a partir da noção de uma “comunidade imaginada”. Kanafani oferece elementos da cultura no desenvolvimento do sionismo para compreender, historicamente, este percurso de imaginação.

Para o autor palestino, portanto, a literatura foi um ponto fundacional relevante. Ela fomentou um cenário de um novo sujeito, o “herói” – gradativamente transformado em “herói nacional”, associado ao próprio sentido do sujeito sionista, angariando expansão e reverberação do projeto colonial. Também, em momento posterior, já no século XX, a literatura consolida-se como um braço aliado da articulação sionista para a criação de Israel e posterior consolidação do Estado.

18 Uma figura messiânica do século XII.

19 Tradução nossa. No original: *The Wandering Jew took the same journey as The Wondrous Tale of Alroy and Daniel Deronda heroes by making the question of ethnicity and religion into one of race under the aegis of a myth of superiority. The character of the Wandering Jew stems from ancient religious origins.*

20 No original: “*which depicted the establishment of a Zionist settler-colonial project as a means of national-political restoration*”.

Cultura e Imperialismo

Passamos agora a analisar o universo teórico ao qual Kanafani está inserido (e construindo) em sua obra. Está evidente em sua argumentação um ponto nevrálgico do movimento sionista: a sua projeção – com parte importante da literatura, para um projeto colonial, a partir da aproximação entre a imaginação de um novo sujeito e a possibilidade de colonização. Na medida em que há um aprofundamento dos dispositivos identitários para o “herói nacional”, há também uma sobreposição das medidas de subjugação impostas ao novo território e população a serem conquistadas. Ou seja, como parte de um projeto colonial, e contextualmente localizado em uma geografia do imperialismo, as designações de dominação ganharam caráter racial e de diferenciação do “outro”, neste caso, “oriental”.

Neste ponto, podemos articular um diálogo com uma historiografia que entende o projeto sionista como associado ao contexto de elaboração de noções civilizatórias da Europa no século XIX. Um estudo bastante relevante, nesse sentido, é aquele elaborado por Edward Wadi Said (2007), sobre a categoria de Orientalismo, na análise sobre a construção ocidental do oriente – focalizando no Oriente Médio. De forma semelhante ao que Said empreende em relação ao Orientalismo e suas reverberações, partindo da literatura francesa e inglesa, Kanafani também o faz a partir da análise da literatura sionista, isto é, demonstram que houve uma imaginação que constituiu o europeu/sionista como superior ao Outro retratado, defendendo que esta elaboração, no contexto histórico do século XIX, atuou para a constituição de uma hierarquia racial que justificou processos de colonialismo. Said e Kanafani são contemporâneos, inclusive, ambos palestinos e que escrevem em períodos semelhantes. Vários elementos de suas reflexões encontram pontos de contato, ainda que os dois autores tenham tido trajetórias diferentes.

Said enfatiza, ao longo de sua análise, o caráter de imaginação, espacial e histórica. Para o autor (2007, p. 31) “como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas –, tais lugares, regiões, setores geográficos, como o ‘Oriente’ e o ‘Ocidente’, são criados pelo homem”. Esta elaboração, contudo, está pautada a partir de uma relação de poder e dominação. Assim, “o Orientalismo [...] não é uma visionária fantasia europeia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material” (Said, 2007, p. 33). Sobre a relação entre o Orientalismo e o sionismo, Said recorda três retóricas presentes no pensamento sionista, que se fundamentou como um movimento colonial: a inexistência de habitantes árabes, ou seja, um território “vazio”; as atitudes do pensamento judaico-ocidental (“complementares”, nas palavras do autor) em relação ao território desocupado; e “o projeto sionista de restauração, que seria repetido pela reconstrução de um Estado judeu que havia desaparecido e por sua combinação com elementos modernos, como colônias distintas e disciplinadas, agências especiais para a compra de terras etc.” (Said, 2012, p. 77).

Esta perspectiva sobre a natureza colonial do sionismo também encontra desenvolvimentos recentes, e de modo geral, mantém diálogo com as produções anteriores,

como as de Kanafani e Said. Destacamos aqui os estudos de Nur Masalha (1992), historiador palestino, que se debruça sobre a história do pensamento político sionista. Masalha, a partir de escritos de autores sionistas, demonstra como, desde os princípios do movimento, havia preocupação em remover os nativos do território para a colonização, ainda que, em diferentes momentos, estas políticas tenham sido mais ou menos explícitas. Um dos exemplos trazidos por Masalha é o livro *The Voice of Jerusalem [A Voz de Jerusalém]*, de Israel Zangwill (1864-1926), autor britânico sionista. Nesta publicação de 1920, “ele defendeu um ‘êxodo árabe’ que seria baseado na ‘distribuição racial’ ou uma ‘migração como a dos bóeres da Colônia do Cabo’, que ele defendeu como ‘literalmente a saída para a dificuldade de criação de um Estado Judeu na Palestina’” (Masalha, 1992, p. 13).²¹ Cabe destacar que alguns anos antes, em 1917, a Declaração de Balfour, emitida pela Inglaterra a partir de Arthur James Balfour (1848-1930), dava apoio ao estabelecimento de um lar judaico na Palestina, enfatizando a relação entre a Europa e o projeto colonial sionista em sua dimensão política e ideológica.

É importante compreendermos também a natureza dessa colonização, e nesse âmbito, a Palestina e a África do Sul têm sido estudadas também comparativamente, traçando elementos de aproximação e distanciamento em termos de suas estruturas. Como desenvolve Nur Masalha (1992), Ben-Gurion, uma das lideranças para a criação de Israel, rejeitava uma política sionista como ocorria no território sul-africano, com brancos enquanto figuras de poder e negros como trabalhadores. Havia um entendimento de recusa de empregos para os palestinos, para que procurassem empregos em países vizinhos. Assim,

A fim de evitar a replicação do modelo sul-africano de uma sociedade colonial que vivia da exploração econômica da população indígena e, ao mesmo tempo, resolver o problema do “Trabalho Hebraico”, o Yishuv encorajaria os Palestínianos a procurar emprego (criado por empreendimento sionistas) e, consequentemente, residência (um processo de transferência discreto) em um país árabe como o Iraque (Masalha, 1992, p. 23).²²

Dessa forma também analisa Patrick Wolfe (1999; 2006), ao tratar da categoria de *settler colonialism*, ou *colonialismo de povoamento*, em diferentes regiões do mundo, incluindo reflexões sobre a Palestina. Para Wolfe (1999), diferente das estruturas analisadas por Frantz

21 Tradução nossa. No original: “*he advocated an ‘arab exodus’ that would be based on ‘race distribution’ or a ‘trek like that of the Boers from Cape Colony’, which he advocated as ‘literally the on way out of the difficulty of creating a Jewish State in Palestine’.*”

22 Tradução nossa. No original: “*Thus, in order to avoid replicating the south African model of a colonial society living off the economic exploitation of the indigenous population and at the same time to solve the problem of “Hebrew Labor.” the Yishuv would encourage the Palestinians to look for employment (created by Zionist enterprise) and, consequently, residency (a discreet transfer process) in an Arab country such as Iraq’.*”

Fanon (1925-1961) e Amílcar Cabral (1924-1973), as colônias de povoamento não foram assentadas primordialmente para a retirada de excedentes dos nativos. No caso dessas colônias, a base está na expropriação e retirada da população nativa, e nesse âmbito, Lorenzo Veracini (2010) afirma que colonizadores e colonos possuem objetivos diferentes em relação ao território. No desenvolvimento histórico do sionismo, ambas condições existiram no início da colonização (Huberman, 2020, p. 89), e convivem em formulações particulares nas relações econômicas contemporâneas,²³ contudo, a proposição da substituição populacional tornou-se um imperativo para o desenvolvimento do movimento. Como precisamente indica Bruno Huberman (2020, p. 88):

a expulsão e a administração da população nativa revelaram-se enquanto condição material para a realização da libertação dos colonos judeus da forma como os dirigentes sionistas almejam: a afirmação de uma identidade nacional e da criação do “novo homem judeu” sionista e vinculado à soberania de um território.

Nesse sentido, Wolfe compreende que a invasão não é um evento, mas uma estrutura (2006, p. 388), uma vez que se revela permanente e em constante transformação. Esta dimensão está presente na fundamentação do sionismo, exemplificado na obra literária, já citada, de Herzl: “se desejo substituir um edifício novo por um antigo, devo demolir antes de construir” (Wolfe, 2006, p. 388).²⁴

Ideologicamente, a possibilidade de colonização passou a ser uma garantia de construção de uma civilização, e assim temos a mais nítida expressão relacional do eurocentrismo oitocentista, ou das relações históricas entre imperialismo e sionismo.²⁵ É o que Herzl afirmou, por exemplo, seguindo Kanafani, ao dizer que os judeus levariam instituições modernas ao território, e que Israel teria um papel importante nos “atrasados” continentes africano e asiático (Kanafani, 2022, p. 59). E o que reforçou ao situar essa relação em termos raciais: “há uma base racial para a ‘superioridade’ dos judeus sobre os árabes ao longo da história – por exemplo, que existem características judaicas inerentes das quais os árabes estão

23 Dimensões que podem ser visualizadas a partir do processo de ocupação dos territórios palestinos, em 1967, e nas perspectivas das políticas neoliberais recentes. Ver mais em Huberman (2020).

24 Tradução nossa. No original: “*If I wish to substitute a new building for an old one, I must demolish before I construct*”.

25 Abdul-Wahab Kayyali (1977) desenvolve um estudo sobre o imperialismo e o sionismo, apresentando especialmente o contexto britânico e os debates políticos para a criação de um lar nacional judaico. Destacamos, por exemplo, as agências de colonização criadas ainda no século XIX, como “The Jewish National Trust” e a “Colonization Commission”, de 1898 (Kayyali, 1977, p. 110).

destinados a ser privados” (Kanafani, 2022, p. 63).²⁶ É possível remeter esta perspectiva ao próprio colonialismo europeu de fins do século XIX, como se vem demonstrando. As investidas europeias em outras regiões estiveram pautadas nas ideias de superioridade e progresso, auxiliadas pelas ciências modernas, que serviram para dominação e colonização neste contexto, ainda que com particularidades, como a uma certa combinação entre a ideologia do ‘fardo do homem branco’ e a necessidade de ‘transferência total’ dos nativos (Masalha, 2018, p. 318).

Perspectivas envoltas, portanto, na elaboração e desenvolvimento do sionismo, tanto do ponto de vista da literatura – foco de Kanafani, quanto do seu sentido político. Isto está representado, por exemplo, em discursos popularizados, e contemporâneos, em torno da ideia de que ao novo país está a tarefa *to make the desert bloom*, ou, *fazer o deserto prosperar*. Dessa maneira, podemos visualizar como população e paisagem se imbricam para determinar o projeto de colonização: uma combinação entre transformação da população e do território a partir de uma negação/inferiorização do contingente populacional nativo, conjuntamente com uma ideia de um território vazio, árido, sem vida e riqueza. Ou, em outros termos, ao sentido dado a modificação da natureza com a chegada da “civilização”.

Estas dimensões se manifestam na literatura também, como elabora Kanafani, que compreende que há a formulação de um tropo sionista, isto é, uma direção narrativa que orienta cenário, paisagens e personagens que justificam a dominação do território palestino, mobilizando questões filosóficas e existenciais para a construção dessa “nova sociedade” – sempre em tensionamento com a realidade de ocupação e com o outro. Kanafani (2022, p. 68-70) aponta cinco elementos que são trajetórias narrativas comuns na literatura sionista: 1. a presença de um protagonista “heroico” que sai da Europa em razão de alguma perseguição; 2. o protagonista se apaixona por uma pessoa não-judia; 3. árabes representados como adversários, individualistas e às vezes mercenários que atendem a um estrangeiro ou poder local; 4. ênfase na opressão mundial contra a população judaica; 5. o ponto de identificação da diversidade da população judaica na religião e raça.

O primeiro e terceiro pontos são bastante significativos para compreendermos os sentidos de construção da relação de superioridade e inferioridade e na diferenciação do eu e outro. Estas dimensões são ainda mais aprofundadas por Kanafani, a partir de seu exame da construção do herói judeu-sionista a partir do que chama de “sentido de infalibilidade”. Para o autor palestino, o sujeito infalível nasceu na virada para o século XX (p. 74), quando o heroísmo se associou a coragem e tem aparições relacionadas, por exemplo, ao conflito da Primeira Guerra Mundial, como é o caso de *The Great Madness [A Grande Loucura]*, de 1929, escrito por Avigdor Hameiri (1890-1970). Nesse sentido, a articulação do sentido heroico à coragem também ganha traços de poder físico e de violência, como uma luta entre David e Golias

26 Tradução nossa. No original: “there is a racial basis for the ‘superiority’ of the Jews over the Arabs across history —i.e., that there are inherent Jewish characteristics from which Arabs are destined to be deprived”.

(Kanafani, 2022, p. 75). Sobre a produção de Hameiri, Kanafani comenta esta relação entre superioridade e força física:

O leitor se depara com a conquista de al-Jiyya (perto de al-Majdal) pelas mãos de sete judeus semi-armados em um caminhão militar quebrado que haviam adquirido em uma batalha com os árabes - conquistando sem ordens, sem perder um único homem e com uma facilidade que surpreende o próprio comandante (Kanafani, 2022, p. 75).²⁷

Esta cena reflete um tipo heroico infalível, que avança sob suas vitórias com uma naturalidade, sem qualquer sinal de hesitação e fraqueza. É também o que está representado em sua contraparte – árabe, como desenhado por Arthur Koestler (1905-1983), em *Thieves of the Night [Ladrões da Noite]*, de 1946: a representação de um árabe que assume sua inferioridade. Como mapeia Kanafani, desta publicação, “um árabe dos territórios ocupados observou amargamente uma convicção evidente em Israel: que ‘os judeus ensinarão aos árabes como prosperar nos seus países’” (Kanafani, 2022, p. 80).²⁸ Percebe-se, portanto, a construção da superioridade, em termos físicos, civilizacionais e morais como faces da conquista.

Visualizamos, portanto, reiterados elementos do que se caracteriza a organização o sionismo desde o século XIX. E aqui, novamente, podemos traçar pontos de diálogo entre Kanafani e Said, neste momento, a partir de sua obra mais recente e que dá nome a este tópico, *Cultura e Imperialismo*. Partimos da compreensão, e esta historiografia se apresenta preocupada com estas problemáticas, da indissociabilidade das relações entre colonialismo e imperialismo para a formação do mundo contemporâneo, ou até mesmo do chamado “terceiro mundo”, como infere Mike Davis (2022) em sua obra. Há uma dimensão fundamental trazida por Said, e bem analisada por Kanafani em seu livro, que diz respeito ao imbricamento entre o político e o cultural, ainda que por perspectivas diferentes, já que Said tem um arcabouço teórico mais eclético, enquanto Kanafani se coloca mais diretamente a partir de uma perspectiva marxista.

Podemos compreender que Kanafani se utiliza do materialismo histórico para articular a literatura e a política, tendo a espinha dorsal o imperialismo, que por sua vez, se institui na combinação entre formações históricas, econômicas e ideológicas. Por sua vez, Said utiliza

27 Tradução nossa. No original: “*The reader encounters the conquest of al-Jiyya (near al-Majdal) at the hands of seven semi-armed Jewish men in a broken military truck they had acquired from a battle with the Arabs - conquering without orders, without losing a single man and with an ease that astonishes their own commander*”.

28 Tradução nossa. No original: “*an Arab from the occupied territories bitterly observed a self-evident conviction in Israel: that ‘the Jews will teach the Arabs how to prosper in their countries’*”.

conceitos de outras matrizes teóricas, como a noção de discurso a partir de Michel Foucault, embora o autor dialogue com uma linha do marxismo, especialmente de Antonio Gramsci, para tratar a literatura. E compreendemos que é justamente a análise da realidade do orientalismo e da situação da Palestina, ainda que o autor não foque em aspectos econômicos, por exemplo, que faz com que Said recorra a um arcabouço marxista, sem necessariamente utilizar toda a linguagem deste campo, sobretudo a de classe. Como dimensiona Said (2011, p. 43), na articulação entre a cultura e a materialidade: “nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas”, formatando o que o autor chama de um vocabulário da cultura imperial, que no século XIX, como visto, está acompanhado de noções de raça, inferioridade e subordinação. Da parte de Kanafani, o autor coloca na centralidade uma questão de classe para compreender o desenvolvimento do sionismo. Contudo, a partir de uma totalidade, isto é, de uma articulação indissociada de aspectos sociais, políticos e culturais, reflexão cara ao marxismo, uma vez que os aspectos informam um ao outro. Nesse âmbito, embora os autores imprimam ênfase diversa, a destacar que Kanafani não realiza este tipo de debate em sua obra, enquanto Said procura abordar mais estes aspectos teórico-metodológicos, compreendemos que as observações dos autores palestinos têm convergência analítica.

Assim, como indicado, tal como Said faz com a literatura europeia, enquanto contribuinte e criadora do imaginário do oriente pelas lentes imperialistas, Kanafani o faz para compreender a operação desta linguagem a partir da literatura sionista. Parte deste esforço analítico é notar que a literatura não é “autônoma”, mas que “a própria literatura faz referências constantes a si mesma como partícipe” (Said, 2011, p. 49). Nesse sentido, seguindo com Said, a literatura inglesa não fala somente da Inglaterra – e dos ingleses, mas também do que estrutura sua sociedade, sua existência, contribuindo para a elaboração e consolidação do imaginário do império; ou seja, a imaginação imperial faz parte da construção daquela sociedade. Essa dimensão pode ser visualizada no que propôs Kanafani ao analisar como a literatura sionista precede o sionismo político. Em certo sentido, a noção imperial de dominação esteve presente, mesmo que “codificada” (Said, 2011, p. 119) na literatura sionista, não concebida a partir das ideias dos autores, mas enquanto resultado de transformações históricas (em que integram as subjetividades dos escritores, mas sob perspectiva materialista), retomando aqui a maneira como Kanafani empreende sua análise. Ao compreendermos os sujeitos que integram a literatura sionista neste cenário europeu, podemos aprofundar ainda mais na relação do império e da literatura. Seguindo com Said (2011, p. 129):

Não estou pretendendo dizer que o romance – ou uma cultura em sentido amplo – “causou” o imperialismo – e sim que o romance, enquanto artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente [...] o imperialismo e romance se fortalecem reciprocamente

a um tal grau que é impossível, diria eu, ler um sem estar lidando de alguma maneira com o outro.

Isto inclui pensar nas formas de apropriação da história e da historicização das sociedades, na associação entre cultura, história e território. Assim, ainda como fundamenta Said (2011, p. 141), a literatura utiliza a geografia como escopo narrativo para uma imaginação territorial. Uma modelação que cambia a projeção do território a partir de cartografias imaginárias, econômicas, militares e históricas. Esta dimensão também pode ser visualizada no percurso analítico de Kanafani: da elaboração do herói nacional judaico, da transformação e “resgate” simbólico do território, das determinações às populações locais – inferiores e invisibilizados, e da superioridade racial para conquista e eliminação do nativo palestino.

Considerações finais

Ghassan Kanafani publica *Sobre a Literatura Sionista* em 1967, um ano depois da premiação do Nobel de literatura para o israelense Shmuel Yosef Agnon (1888-1970), que o autor tensiona como um prêmio que legitima as posições racistas e chauvinistas da literatura contemporânea sionista. Em meio a este contexto, Kanafani busca em seu livro as raízes históricas da literatura sionista, e como isto impactou na organização política do movimento.

O artigo buscou se debruçar na composição da obra do Kanafani, na construção histórica que o autor palestino propõe e, sobretudo, na argumentação que segue para compreender o movimento literário sionista. Neste recorrido ao século XIX e XX, Kanafani aponta elementos para o surgimento do sionismo, uma questão social – o anti-assimilacionismo, e uma questão de classe – um grupo que ascende economicamente. Se há uma discussão pertinente do autor em torno desses aspectos históricos, especialmente no que diz respeito à organização dessas estruturas políticas, Kanafani poderia ter desenvolvido com mais detalhamento, sobretudo as relações de classe, de modo a explicitar com mais precisão as condições que possibilitaram a organização do sionismo. Contudo, sua obra apresenta fundamentos pertinentes para refletirmos sobre a literatura sionista. Uma primeira dimensão importante, e tratada ao longo do artigo, é sua ênfase à questão histórica; isto é, o sionismo não é um movimento natural da marcha da história, nem um resultado inevitável. Dessa maneira, uma das formas de problematizá-lo é justamente colocando-o “à prova do tempo”, desnaturalizando e entendendo-o como fenômeno de um determinado momento histórico e de um grupo particular. Esta historicização é central, uma vez que impacta na compreensão da própria constituição de Israel e do que se intitula como a “Questão da Palestina”: não se trata de um conflito religioso, nem uma disputa imemorial. Trata-se de um processo de colonização, que tem suas raízes históricas no século XIX, com desdobramentos no século XX e XXI, dentre eles a criação do Estado de Israel e os processos de expulsão, ocupação e eliminação da população palestina, até hoje.

Destacamos também outro elemento, que dialoga com a forma de interpretação histórica de Kanafani. Para compreender o fenômeno da literatura sionista e sua organização posterior, o autor parte de uma visão materialista, dissertando sobre as condições sociais – culturais, econômicas, políticas, que possibilitaram a emergência do sionismo. Esta é uma posição oposta às explicações que atribuem que sujeitos elaboraram esses termos a partir de ideias próprias, individualizadas, e que são posteriormente realizadas em seus contextos. Este arcabouço teórico-metodológico perseguido por Kanafani favorece a compreensão dos fenômenos do século XIX, como o impacto do nacionalismo, do racismo e do imperialismo, por exemplo, bem como uma reestruturação temporal. Ao passo que se define o ponto fundacional do movimento sionista em 1897, com a realização do Primeiro Congresso Sionista, o autor delinea uma outra temporalidade, em que este ponto não seria uma fundação, mas, de outro ângulo, um certo “ponto de chegada” (ou de transformação) de expressões com raízes anteriores, e assim, a importância da literatura sionista. Por fim, Kanafani preocupa-se com a elaboração de uma espécie de síntese histórica, ainda que alguns elementos fiquem muito vagos – como a referência mais generalizante para a Europa. Este modelo sintético também dialoga com um certo procedimento dialético da escrita de Kanafani, que podemos observar no conjunto da sua obra: o sionismo e sua expansão na cultura e na política e a literatura de resistência palestina, que age como oposição e luta contra a ocupação.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BACONI, Tareq. *Hamas contained: the rise and pacification of Palestinian resistance*. Stanford: Stanford University Press, 2018.

BARNETT, M. *Dialogues in Arab Politics: Negotiations in Regional Order*. New York: Columbia University Press, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENSAÏD, Daniel. Posfácio – “Na e pela história”. Reflexões acerca de Sobre a questão judaica. In: MARX,

KARL. *Sobre a questão judaica*. Tradução: Nélio Schneider [tradução de Bensaïd: Wanda Caldeira Brant]. São Paulo: Boitempo, 2023.

CHAPNICK, Max L. George Eliot, Edward Said, and Romantic Zionism. *Studies in Romanticism*, Baltimore, v. 62, n. 2, p. 297-310, 2023.

DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais: A criação do terceiro mundo*. Tradução: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Veneta, 2022.

GENNARI, Marianne Soares. *O exílio palestino em Homens ao Sol (1963): diálogos entre História e Literatura*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

HAWA, Kaleem. Palestinian Literary Criticism in Ghassan Kanafani's On Zionist Literature. *Journal of Palestine Studies*, v. 52, n. 3, p. 83-96, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/0377919X.2023.2254104>

HOLT, Elizabeth M. Resistance Literature and Occupied Palestine in Cold War Beirut. *Journal of Palestine Studies*, v. 50, n. 1, p. 3-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/0377919X.2020.1855933>

HUBERMAN, Bruno. *A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel*. 2020. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual Paulista; Universidade Estadual de Campinas; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

KANAFANI, Ghassan. Palestinian Literature. [Translated by Sulafa Hijjawi]. In: HIJJAWI, Sulafa. *Poetry of Resistance in Occupied Palestine*. Baghdad: Ministry of Culture, 2009.

KANAFANI, Ghassan. On Zionist Literature. [Translated by Mahmoud Najib]. In: *Liberated Texts Series*. Oxford: Ebb Books, 2022.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução: Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terrence. *A invenção das tradições*. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

KAYYALI, Abdul-Wahab. Zionism and Imperialism: The Historical Origins. *Journal of Palestine Studies*, Washington-DC, v. 6, n. 3, p. 98-112, Spring 1977.

KHALIDI, Rashid. *The Hundred Year's War on Palestine: a history of settler colonial conquest and resistance, 1917-2017*. New York: Metropolitan Books, 2020.

MASALHA, Nur. *Expulsion of the Palestinians: the concept of "transfer" in Zionist Political Thought (1882-1948)*. Washington: Institute for Palestine Studies, 1992.

MASALHA, Nur. *Palestine: a four thousand year history*. London: Zed Books, 2018.

SAID, Edward Wadi. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward Wadi. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

VERACINI, Lorenzo. Introducing: Settler Colonial Studies. *Settler Colonial Studies*, v. 1, issue 1 – "A Global Phenomenon", p. 1-12, 2011.

WOLFE, Patrick. *Settler Colonialism and the Transformation of Anthropology: the politics and poetics of an ethnographic event*. London; New York: Cassell, 1999.

WOLFE, Patrick. Settler colonialism and the elimination of the native. *Journal of Genocide Research*, v. 8, n. 4, p. 387-409, 2006.

ZOGHBI, Ahmed Hussein El. *Derrota e Fragmentação: uma análise comparativa das novelas O que lhes restou e Retorno a Haifa, de Ghassan Kanafani*. 2018. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.